

In: Ivo Castro e Inês Duarte (eds.), 2003, *Razões e emoção. Miscelânea de estudos oferecida a Maria Helena Mateus*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda. Vol. I, 129-145

Alguns dados sobre o sistema de sibilantes do português

ESPERANÇA CARDEIRA
Universidade de Lisboa

O sistema de quatro sibilantes do galego-português, duas africadas predorsodentais e duas fricativas ápticoalveolares, representadas graficamente por <c>, <ç> e <z> / <s> e <ss>, reduziu-se, no português comum, a um sistema com apenas dois elementos, um surdo e um sonoro. O processo de simplificação implica uma fase intermédia: da perda do elemento oclusivo das africadas resulta, ainda, uma oposição entre dois pares de fricativas, um de predorsodentais e outro de ápticoalveolares. A redução do antigo sistema pode resumir-se assim:

- 1º duas africadas predorsodentais opõem-se a duas fricativas ápticoalveolares;
- 2º as africadas simplificam-se, perdendo a oclusiva inicial: logo, a oposição passa a fazer-se entre um par de fricativas predorsodentais e outro de fricativas ápticoalveolares;
- 3º as predorsodentais absorvem as ápticoalveolares ou, pelo contrário, são as predorsodentais que se assimilam às áptico-alveolares: a oposição é neutralizada e o sistema reduz-se a dois elementos.

Na sua proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses Lindley Cintra (1971) usa a realização destes fonemas como uma das características que permitem traçar fronteiras entre grupos de dialectos: se o dialecto *transmontano-alto-minhoto* ainda conserva um sistema de quatro sibilantes (*s*, *z* predorsodentais / *s*, *z* áptico-alveolares), o *baixo-minhoto-duriense-beirão* reduziu-o às duas áptico-alveolares e todo o dialecto *centro-meridional* realiza apenas as predorsodentais. Nesta distribuição, o *transmontano-alto-minhoto* ilustra precisamente um momento da evolução, quando as africadas /*ts*/ e /*dz*/ tinham já perdido o seu elemento oclusivo inicial, mas se mantinham ainda distintas das fricativas áptico-alveolares¹.

A simplificação das sibilantes deverá ser perspectivada dentro de um complexo conjunto de mudanças em que se inserem a inexistência de sibilantes sonoras no galego, a palatalização da sibilante em contexto final ou de sílaba travada e, ainda, a neutralização da oposição entre a africada palatal surda /*tʃ*/ e a fricativa /*ʃ*² um amplo e longo processo que resultou da instabilidade do antigo sistema. Enquanto esperamos por um trabalho fundamentado em documentação de proveniência diacrónica, diatópica e diafásica diversificada que venha clarificar este conjunto de mudanças, estas breves notas

pretendem, apenas, contribuir para a análise do processo de neutralização da oposição entre predorsodentais e ápticoalveolares.

Quando se processa essa neutralização? Clarinda Maia (1995:25) coloca a redução do sistema de sibilantes no grupo dos traços que distinguem o português arcaico do português moderno. E Evanildo Bechara (1991:72) adianta que a redução do primitivo sistema de sibilantes a duas predorsodentais deve ter ocorrido no decurso da primeira metade do século XVI ou seja, no final do período que designa por fase arcaica média. Já Teyssier (1982:49) precisa que por volta de 1500 as duas africadas tinham perdido o elemento oclusivo inicial mas ainda se mantinha a oposição entre os dois pares, uma vez que o ponto de articulação não era o mesmo. As confusões gráficas que se registam a partir de 1550 testemunham, diz, que a redução se concretizou nos finais do século XVI: “em fins do século XVI o português comum reduziu a dois os quatro fonemas, e essa redução fez-se em favor das predorsodentais” (Teyssier 1982:50-1).

Em meados desse século, a Gramática de Fernão de Oliveira apresenta uma descrição que não é clara: é certo que se distinguem quatro elementos mas não se percebe se essa distinção se faz ainda entre duas africadas e duas fricativas ou já entre quatro fricativas (caps.XIII e XIV):

O .s. singelo diz quintiliano e letra mimosa *e quando* a pronũciamos aleuãtamos a põta da lingua pera o çeo da boca *e* o espirito assouia pellas ilhargas da lingua

O .ss. dobrado pronũciasse como o outro pregãdo mais a lingua no çeo da boca

A pronũciação do .z. zine antros dentes çerrados com a lingua chegada a elles *e* os beyços apartados hũ do outro

Esta letra .c. cõ outro. c. de bayxo de si virado para tras nesta forma. ç. tẽ a mesma pronũciação *que*. z. se não *que* aperta mais a lingoa nos dẽtes.

Esta descrição e a coerência gráfica que encontra em textos coevos levam Teyssier (1982:50) a afirmar que "a existência dessas quatro unidades distintivas no português do início do século XVI não sofre dúvida".

Por outro lado, da ocorrência, desde a segunda metade do século XIII, de exemplos ocasionais mas variados de confusão entre <s>, <ss> e <z>, <c, ç> em documentos meridionais conclui Teyssier que a redução em favor das predorsodentais "é uma tendência de origem meridional que se generalizou no século XVI na língua padrão" (Teyssier 1982:52). Já antes Lindley Cintra, fundamentando-se nas variações gráficas que encontra em documentos de Lisboa e do Algarve, admitia que a simplificação do sistema de sibilantes se verificaria nessa região na segunda metade do século XIII (Cintra 1963:75).

Mas também em documentos galegos encontra Clarinda Maia alguns exemplos de confusões gráficas que a levam a concluir que as africadas predorsais estariam já a transformar-se em fricativas desde o século XIII. A Galiza constituiria, assim, tal como o sul de Portugal e a Andaluzia, um dos focos de confusão de sibilantes que teriam surgido,

independentemente, por toda a Península (Maia 1986:446-9). Ramon Lorenzo resume de forma muito clara a questão: "Frente a unha norma culta com 6 sibilantes, axiña se ve un deterioro total das oposicións fonolóxicas, coa perda das sonoras e coa desafricación e o posible comezo da substitución do sonido apical polo predorsal /s/ ou deste polo apical, segundo as zonas. Á vista disto non podemos seguir falando dun sistema medieval coherente con oposición xordas / sonoras ata o século XVI, senón da coexistencia en toda a Idade Media de varios subsistemas" (Lorenzo 1995:236).

A posição de R.Lorenzo, admitindo a existência de vários subsistemas de sibilantes durante a época medieval difere da hipótese proposta por Cintra e por Teyssier: enquanto esta coloca a origem da simplificação do sistema no português meridional, aquela aceita o surgimento de focos de mudança que poderiam ter-se localizado em dialectos diversos.

De que falamos quando nos referimos à simplificação do sistema de sibilantes do português? De dois diferentes estádios de mudança: um primeiro, que consistiu no apagamento do elemento oclusivo da africada; um segundo, que se traduz pela redução do sistema a dois elementos (predorsais ou ápicoalveolares). Desse primeiro momento, as grafias não dão testemunho. A redução das sibilantes implica uma fase – teoricamente anterior – de desafricamento, mas pode também imaginar-se um processo simultâneo de perda do elemento oclusivo e neutralização da oposição entre dorsais e apicais. De qualquer modo, é apenas esse momento de redução do sistema que as confusões gráficas atestam. Não parece, pois, viável verificar a origem dialectal do desafricamento. O(s) foco(s) em que a neutralização tem origem são, por outro lado, passíveis de observação em documentos de proveniência geográfica diversificada. Um conjunto de documentação que pode servir este objectivo é o acervo editado por Ana Maria Martins em apêndice documental a dissertação de doutoramento em Linguística Portuguesa, intitulada *Clíticos na História do Português*, apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa em 1994. Trata-se de uma edição, extremamente fiel, de uma colecção de documentos notariais de mosteiros das regiões do Noroeste e de Lisboa (arrendamentos, aforamentos, vendas, câmbios, partilhas, doações, testamentos, procurações, sentenças, etc.) que foram produzidos no Douro Litoral (Mosteiros de Vilarinho e Moreira) e no Vale do Tejo (Mosteiro de Chelas), entre os séculos XIII e XVI, num total de 210 documentos distribuídos de forma equilibrada no eixo temporal e por área geográfica³. Nesta documentação procedi à recolha dos casos de oscilação gráfica entre <s,ss> e <z,c,ç>, passíveis de serem interpretados como exemplos de neutralização, nos nomes comuns⁴, em início de sílaba e em final absoluto ou de sílaba.

Logo durante a segunda metade do século XIII são variados os exemplos de confusão gráfica recolhidos quer nos documentos dos mosteiros do Noroeste quer nos da região de Lisboa, embora a sua ocorrência seja ligeiramente mais elevada na documentação meridional:

	NOROESTE			LISBOA		
	inicial	medial	final	inicial	medial	final
1266					conpoçisom conpozisom	mez
1272						mez
1277			mez			
1279		faser				
1286						andadoç
1287			crux			
1288		preceña dicerũ (2 oc.) iuysse suço soço ffoçẽ	mayx			
1294					espešialmẽte	
1294					perfẽssas	
1295			sex			yas (2 oc.)
1296		huzado				
1296		cõpossisson				
1296				synqy		
1297						sex
1297					sussesores ffassades posçiçom peçoa peçoas	
1298						Juys sex
1298					prezença	mez
1298					prezença	
1298					prezença	
1299						sex
1299					tresẽtos	

Quadro 1: Confusão gráfica na representação de sibilantes em contexto inicial, medial e final de palavra na documentação do Noroeste e da região de Lisboa do século XIII.

Em início de palavra regista-se um único caso de confusão gráfica: *synqy*, em 1296, em documento do mosteiro de Chelas. Esta forma, que ilustra a ocorrência do grafema <s> em vez de um esperável <c>, deve ser a mesma a que se refere Lindley Cintra (1963:73-74) quando cita casos de confusão entre <s-> e <c-> recolhidos nos *Documentos Portugueses do Mosteiro de Chellas* editados por Pedro de Azevedo.

A documentação de Lisboa atesta, também, a substituição do grafema <ç> por <s> (*conpoçisom*, *conpozisom*⁵ em 1266, *espešialmẽte* em 1294) ou por <ss> (*perfẽssas*, em 1294) e de <z> por <s> (*tresẽtos*, em 1299). Mas também a situação inversa se regista, ou seja, <ç> e <z> podem ocorrer em vez de <ss> e de <s> (*peçoa*, *peçoas* em 1297, e

*prezença*⁶, em 1298). Em contexto intervocálico, portanto, os grafemas <z, c, ç> alternam com <s, ss> na representação quer da predorsal quer da apicoalveolar surdas ou sonoras. Também os já referidos casos de confusão gráfica apresentados por Cintra ilustram esta alternância: <-s-> ocorre em vez de <-c-> ou <-z-> em *susesores* (Loulé 1277)⁷, *tresentos* e *uesinho* (Chelas 1299), *parese* (Silves 1308), *pareseo* (Albufeira 1308) e <-z-> substitui <-s-> em *prezentes* (Loulé 1277) e *prezença* (Azambuja 1293 e Silves 1309). Ocorre, ainda, na documentação de Lisboa, em 1297, uma grafia a que poderíamos chamar “mista” na forma *posciçom*. Clarinda Maia (1986:442) encontra grafia semelhante em documento galego da mesma época (*seruisço*, Pontevedra, 1299) e cita alguns exemplos que encontra em Menéndez Pidal (1950:67) e em Manuel Alvar (1953:77) de idênticas formas gráficas em documentos castelhanos e aragoneses do século XII. Diz Clarinda Maia que este grafema composto “parece fazer referência ao carácter africado da pré-dorsal”. Nesta forma *posciçom* (< POSSESSIONE-), no entanto, <sc> não poderá ser interpretado do mesmo modo, uma vez que corresponderia etimologicamente a uma ápticoalveolar surda.

As confusões gráficas que indiciam uma redução do sistema de sibilantes encontrar-se-iam, segundo Cintra, em documentação portuguesa com origem meridional. Não esquecendo que alguns documentos galegos apresentam formas cuja grafia pode ser interpretada no mesmo sentido, Cintra alude a uma sondagem que teria efectuado em documentação proveniente de outras regiões de Portugal e que mostraria a ausência de confusão gráfica. Ora, nos documentos notariais editados por Ana Maria Martins encontramos alternância gráfica quer na documentação de origem meridional quer nos documentos provenientes do Noroeste: <-s-> e <-ss-> substituem <-z-> ou <-ç-> (*faser*, em 1279, *iuysses*, em 1288 e *côpossisson*, em 1296) e <-z-> ou <-c-, -ç-> ocorrem em vez de <-s-> ou <-ss-> (*huzado*, em 1296 e *precença*, *dicerũ*, *suço*, *ffoçẽ*, em 1288) na documentação dos Mosteiros do Noroeste.

Em contexto final de palavra regista-se a grafia *mez* nos dois conjuntos documentais (em 1277 no Noroeste e em 1266, 1272 e 1298 em Lisboa). L.Cintra regista a mesma forma *mez* em documentos de Sintra de 1266 e 1272 e de Loulé de 1277. Nos documentos meridionais encontramos, além desta, as formas *yas* (verbo *jazer*, 1295) e *Juys* (1298). Em conjunto estas grafias ilustram a alternância, em final de palavra, dos grafemas <s> e <z>.

Ocorre, ainda, em documento de Lisboa datado de 1286, a curiosa forma *andadoç* (verbo *andar*) em que o morfema do plural surge representado pelo grafema <ç>. Uma hipótese que se pode colocar é a de que esta confusão gráfica sugira não apenas a incerteza entre a representação da apical e da predorsodental mas talvez já uma palatalização da sibilante final.

Outras grafias que figuram nestes documentos em representação da sibilante em posição implosiva, como *crux* (Noroeste 1287) ou *sex* (Noroeste 1295, Lisboa 1297, 1298 e 1299) poderão ser interpretadas como latinismos gráficos. Por outro lado, a forma *mayx* (Noroeste 1288) não parece passível da mesma interpretação. Clarinda Maia (1986:461) encontra alografia entre <s>, <z> e também <x> finais em documentos portugueses dos séculos XIII e XIV, interpretando-a não só como o desaparecimento da oposição entre predorsal e apical em posição implosiva, mas como uma indicação de que a sibilante final

poderia já ter uma realização palatal. Também José Joaquim Nunes (1928:364-5), com base no estudo das rimas das cantigas de amigo, interpreta estas alografias como identidade de pronúncia e adianta a hipótese de que o som a que correspondiam fosse já de tipo palatal.

Os exemplos de confusão gráfica entre sibilantes mantêm-se na documentação do século XIV, mas apenas em contexto medial e final⁸:

	NOROESTE			LISBOA		
	inicial	medial	final	inicial	medial	final
1305					prezença	
1310			poiç(?) (2oc.)			
1317					tresentos (2oc.) vesinho ffaser (3oc.) juises sobrejuises	fas Juis
1328		crauzula traspaçado traspaçados				
1350		tresentos vesyno ffaser Joyso dosentos	des uos (2oc.) pas (2oc.) seix (3oc.) ffes (2oc.)			
1364		arssibispo				
1365		soseçores				
1367					renõçjasom despóçadós	
1373						rais
1377					lesençiado	

Quadro 2: Confusão gráfica na representação de sibilantes em contexto medial e final de palavra na documentação do Noroeste e da região de Lisboa do século XIV.

Em posição intervocálica ocorre, em documento do Mosteiro de Chelas datado de 1305, a forma, já observada em documentos do século anterior, *prezença*, com o grafema <z> a substituir um esperável <s>. Por outro lado, um documento de 1317 apresenta um conjunto de formas em que <s> substitui <z>: *tresentos*, *vesinho*, *ffaser*, (*sobre*)*juises*.

Já na segunda metade do século, em documento de 1367, ocorre <s> em lugar de <ç> em *renõçjasom* (em alternância com *renõçyaçom*, com 2 ocorrências) e <ç> em vez de <s, ss> em *despóçadós* (< posse) e em *lesençiado* (1377).

Na documentação do Noroeste, uma sentença de 1328 apresenta as formas *traspaçado(s)* e *crauzula* (em alternância com *craussula*, *crassula*) com <ç> e <z> onde esperaríamos encontrar <ss> e <s>. Em documento de 1350, pelo contrário, são várias as ocorrências de <s> em lugar de <z>: *tresentos*, *vesyno*, *ffaser*, *Joyso* e *dosentos*.

Em final de palavra, também em documentos provenientes dos mosteiros do Noroeste ocorrem, para além da forma duvidosa *poiç*⁹ (1310), em 1350 *des* (= dez), *uos* (= voz), *pas* (= paz) e *ffes*. Uma tão frequente substituição do <z> final por <s> representará apenas uma indefinição na fixação de uma tradição gráfica para o contexto final ou será significativa de um ensurdecimento ou palatalização neste contexto? Ouvir-se-ia a africada [dz] ou [ts], a fricativa sonora ou surda, dental ou apical, ou já [ʃ]? Certo é que a mesma substituição de <-z> por <-s> se regista também nos documentos de Lisboa, em 1317 (*fas*, *Juis*) e em 1373 (*rais*, em “bêes moujís e rais”). Esta última forma é, aliás, bastante significativa para este estudo: o que provocaria o “erro” de um notário nesta fórmula tantas vezes repetida nos documentos, “bens móveis e de raiz” senão uma já habitual – e, portanto, aceitável – insensibilidade a uma antiga distinção fonológica?

Embora sem revelar tendência crescente, a documentação do século XIV, proveniente quer do Noroeste quer da região de Lisboa, continua, pois, a apresentar com regularidade uma variação gráfica que parece apontar no sentido de uma indistinção entre sibilantes predorsodentais e ápicoalveolares. E, se atentarmos na grafia que ocorre em *seix* (Noroeste, 1350), poderemos mesmo alargar essa indistinção à palatal. Este grafema <-x> surgia já na documentação do século anterior (Noroeste e Lisboa) e, segundo Rosa Virgínia Mattos e Silva (1989:93-4), que refere a alternância de <-s>, <-z> e <-x> no adjetivo *simples* nos *Diálogos de S.Gregório*, de meados do século XIV, regista-se também em textos de cariz literário. Só a análise de mais textos coevos poderá, alargando o número de exemplos deste tipo, vir a confirmar a hipótese da palatalização.

Curiosamente, o número de exemplos de confusão entre sibilantes observável na documentação em estudo reduz-se drasticamente durante o século XV:

	NOROESTE			LISBOA		
	inicial	medial	final	inicial	medial	final
1426						sex
1434			sinplez			
1454				synquo synco		
1483					neseçarjo	

Quadro 3: Confusão gráfica na representação de sibilantes em contexto inicial, medial e final de palavra na documentação do Noroeste e da região de Lisboa do século XV.

Nos documentos de Lisboa, apenas um caso em posição inicial, *synquo* ~ *synco* (1454), outro em contexto intervocálico e passível de ser interpretado como metátese gráfica, *neseçarjo* (1483), e um grafema <x> final em *sex* (1426).

Nos documentos dos mosteiros do Noroeste a frequência destes exemplos é ainda menor: apenas o grafema <z> final em *sinplez*.

A frequência de grafias deste tipo volta a aumentar no século XVI, registando-se em todos os contextos observados:

	NOROESTE			LISBOA		
	inicial	medial	final	inicial	medial	final
1510					nesecarjo (2oc) nesecarjos	
1513			leyx			
1514		cõposysã				
1520					nesecarjos	
1540						tras (2oc)
1545	serto çęęenta (2oc) syma çętemęęa (2oc)	prezenęa prezemęa seęęenta (3oc) secenta çęęęenta (2oc) asyma preza (2oc) nececarios conseder soęęęores (4oc)			lesenęiado	

Quadro 4: Confusão gráfica na representação de sibilantes em contexto inicial, medial e final de palavra na documentação do Noroeste e da região de Lisboa do século XVI.

Em posição inicial um documento do Mosteiro de Vilarinho de 1545 apresenta alguns exemplos de <s-> em lugar de <c-> (*serto*, *syma*, em alternância com *çertos*, *cima*) e de <ç-> em vez de <s-> (*çętemęęa*, *çęęęenta*, em alternância com *seęęenta* ~ *secenta*).

Em contexto medial, a oscilação gráfica verifica-se em ambos os conjuntos documentais na forma *nesecarjo* ~ *nececarios* (Lx 1510 e 1520; NO 1545) e, nos documentos do Noroeste grafias como *cõposysã* (1514), *conseder*, *soęęęores*, *prezemęa* ou *secenta* (1545) ilustram a alternância entre <z, c, ç> e <s, ss>¹⁰.

Em final de palavra <-s> oscila com <-z> em *trauez*¹¹ e *Juís* (NO 1545) e *tras* (vb. *trazer*, Lx 1540).

Conclusões

Da observação destes dois conjuntos documentais, que se estendem ao longo de quatro séculos relevam alguns pontos merecedores de atenção.

1. A comparação entre a frequência de casos de instabilidade gráfica entre sibilantes nos documentos provenientes do Noroeste português e aqueles de origem meridional não revela diferenças significativas:

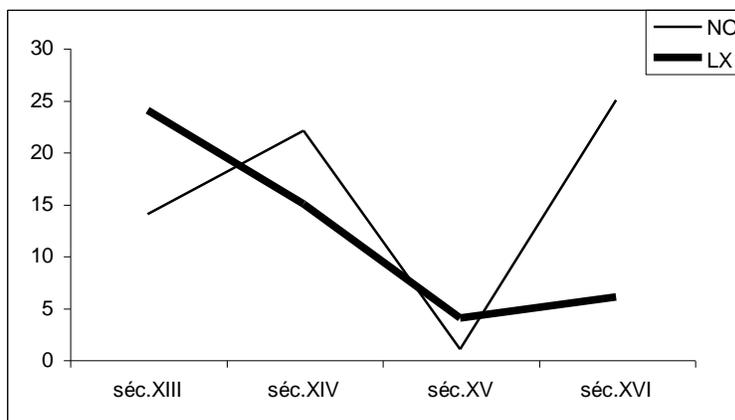


Figura 1: Total de casos de confusão gráfica na representação de sibilantes na documentação do Noroeste e da região de Lisboa (valores absolutos).

No século XIII estes exemplos são ligeiramente superiores nos documentos de Lisboa mas no século XIV é na documentação do Noroeste que esse valor sobe, para logo decrescer nos dois conjuntos documentais durante o século XV. Curiosa é a disparidade entre os totais observados no século XVI: apenas 6 casos de confusão gráfica nos documentos da região de Lisboa frente a 25 nos documentos do Noroeste. Não podemos afastar a hipótese de que esta diferença se deva à pequenez da amostra, que totaliza apenas cerca de 10 documentos para cada uma das regiões:

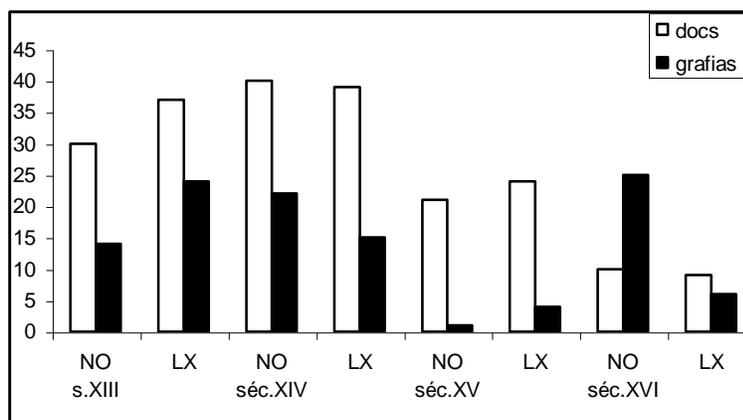


Figura 2: Total de documentos observados e de casos de confusão gráfica na representação de sibilantes na documentação do Noroeste e da região de Lisboa (valores absolutos).

Só a observação de um conjunto mais alargado de documentos poderá vir a mostrar se a neutralização das oposições entre sibilantes se revela, de facto, mais significativa em alguma região portuguesa num dado momento. O que a observação desta amostra indica é a existência, desde cedo, de uma instabilidade generalizada no sistema de sibilantes que se expressa graficamente quer na documentação de Lisboa quer na do Noroeste. Ou seja: se a região de Lisboa foi um foco de neutralização, então o Noroeste também o foi.

Lembremos que em ambas as regiões se encontra actualmente neutralização: os documentos do Noroeste situam-se no Douro Litoral e representam a variedade do português em que ocorre redução do sistema a duas ápticoalveolares; os de Lisboa integram o grupo dos dialectos centro-meridionais, com redução do sistema a duas predorsodentais. O facto de não encontrarmos na documentação medieval diferenças significativas indica que a evolução do sistema, materializada na sua redução, teria ocorrido simultaneamente em ambas as regiões.

A distinção fonológica entre dois pares de sibilantes de articulação tão próxima seria de difícil manutenção: assim, cedo teriam surgido focos de neutralização, atestados pela instabilidade gráfica presente na documentação notarial do século XIII¹².

2. Embora o número de exemplos de confusão gráfica entre sibilantes não seja elevado, nunca chegando, em nenhum dos séculos observados, a atingir um total de 40, mantém-se estável durante os séculos XIII e XIV nos dois conjuntos documentais, sem que se verifique diferença significativa entre documentos do Noroeste e de Lisboa. No século XV a ocorrência de casos de instabilidade gráfica diminui. Tal facto pode, naturalmente, dever-se à correspondente diminuição do número total de documentos observados referentes a esse século (vd.Figura 2). Não será, no entanto, de afastar a hipótese de que neste século o início da fixação de uma norma linguística (e gráfica), a par de uma crescente influência do texto literário, possa ter contribuído para a diminuição da instabilidade gráfica: sem que o processo de mudança tenha estagnado, a sua expressão gráfica pode ter diminuído devido a uma maior pressão do texto literário sobre o texto notarial.

Assim, os exemplos de confusão gráfica entre sibilantes que registámos na documentação notarial observada encontram paralelo em oscilações como as que Rosa Virgínia Mattos e Silva (1989:91-94) verifica no texto do século XIV, *Diálogos de S.Gregório: aceso ~ acezo, cĩsa ~ cĩza, bravesa ~ braveza, preses (= preces) e simples ~ simplez, simplezes*. É marcante, diz esta autora, a raridade da variação no conjunto dos dados. As oscilações existem, mas são raras. No *Livro das Aves*, também do século XIV, por outro lado, não se registam casos de confusão entre sibilantes. Como explicar a disparidade de dados fornecidos por textos literários e notariais? É possível que a quase ausência de irregularidades gráficas nos textos literários seja testemunho da presença do modelo etimológico no espírito mais culto (isto é, mais conhecedor do latim) de quem escreve.

Também da observação de documentos literários do século XV releva a ausência de variação gráfica: no *Livro de Esopo*, no *Livro dos Conselhos de El-Rei D.Duarte (Livro da Cartuxa)* e nas *Vidas de Santos (Collecção Mystica de Fr.Hylario da Lourinhã)* não se regista oscilação na representação das sibilantes. Pelo contrário, em documentação não literária, observa-se instabilidade, em documentação de proveniência diatópica diversa,

desde cedo: nos *Documentos Históricos da Cidade de Évora* ocorrem desde 1355 formas como *faser, veses, vesinhos, juises* (Cardeira 1999:81); nas *Actas das Vereações de Loulé* ocorrem grafias como *sinquo, neccidade, lousseiro* (= louceiro), *geraez*, entre 1384 e 1408 (Cardeira e Fernandes 1997:62) e, também em documentos portugueses de Montederramo R.Lorenzo (1997) encontra oscilação gráfica na mesma época. Os exemplos multiplicar-se-ão, certamente, se alargarmos a amostra mas estas observações fundamentam já a hipótese da coexistência de uma norma culta escrita e de um processo de neutralização em curso, processo que só se completará, contudo, quando penetrar na norma culta. Só a observação de uma amostra mais alargada poderá, também, vir a confirmar a aparente aproximação entre a documentação literária e não literária no respeito gráfico pela etimologia das sibilantes, durante o século XV.

A centralização do poder político no eixo Lisboa-Coimbra-Santarém-Évora, a partir dos séculos XIV-XV, coloca a futura elaboração da norma linguística na área dos dialectos centro-meridionais. Se nesta área o sistema de sibilantes se reduz às predorsodontais, então a norma em constituição esquecerá as ápicoalveolares, transformando-as em traço característico dos dialectos setentrionais. Nos finais do século XVI, os testemunhos de gramáticos como Nunes de Leão ou Gândavo mostram que a neutralização estava já instalada no português comum mas, afirma Teyssier (1982:51), “a língua escrita esforça-se em manter a ortografia antiga”. A língua escrita de cariz literário ou, pelo menos, a língua escrita culta, parece ter-se “esforçado” no sentido de manter a antiga distinção gráfica. Ainda assim, a variação gráfica que ocorre no *Livro das Obras* de Garcia de Resende (Verdelho 1994:681-686) mostra que a instabilidade na realização das sibilantes presente, certamente, na língua falada, se infiltra já na língua culta e escrita. E em textos menos cuidados, como será o caso dos documentos notariais aqui observados, a emergência da indistinção gráfica materializa a generalização da indistinção fonológica no século XVI quer no Douro Litoral, quer na região de Lisboa.

Referências bibliográficas

- ALVAR, Manuel (1953). Estudios sobre el dialecto aragonés en la Edad Media. I. Grafías navarro-aragonesas. *Pirineos. Revista del Instituto de Estudios Pirenaicos*, ano IX, nº27, 55-88.
- BECHARA, Evanildo (1991). As fases da língua portuguesa escrita. *Actes du XVIII Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes*, vol.III (ed. Dieter Kremer). Tübingen: Max Niemeyer Verlag. 68-75.
- CARDEIRA, Esperança e FERNANDES, Maria Alice (1997). Aspectos do português algarvio na transição do século XIV para o XV. *Actas do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, vol.II. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística. 55-68.
- CARDEIRA, Esperança (1999). *A Língua Portuguesa na primeira metade do século XV – Elementos para uma caracterização do Português Médio*. Dissertação de doutoramento em Linguística Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- CASTRO, Ivo (1985). Vidas de Santos de um manuscrito Alcobacense (Coleção Mística de Fr. Hilário da Lourinhã, Cod.Alc.CCLXVI/ANTT 2274). *Revista Lusitana*, Nova Série, Separ. nº4 e 5.
- CINTRA, Luís Filipe Lindley (1963). Observations sur l’orthographe et la langue de quelques textes non littéraires galiciens-portugais de la seconde moitié du XIIIe siècle. *Revue de Linguistique Romane*, XXVII, 59-77.

- CINTRA, Luís Filipe Lindley (1971). Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses. *Boletim de Filologia*, XXII, 81-116.
- CUNHA, Antônio Geraldo da (1982). *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. (2ªed. 1987). Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- DIAS, João José Alves (1982). *Livro dos Conselhos de el-rei D.Duarte*. Edição diplomática. Lisboa: Editorial Estampa.
- GALMÉS DE FUENTES, Alvaro (1962). El arcaísmo fonológico de los dialectos del norte portugués y su importancia para la lingüística románica general. *Actes du IX Congrès International de Linguistique Romane*, vol.III. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos. 19-30.
- LORENZO, Ramón (1995). Algúns datos sobre a evolución das sibilantes medievais. *Miscelânea de Estudos Linguísticos, Filológicos e Literários in Memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. 231-237.
- LORENZO, Ramón (1997). Documentos portugueses de Montederramo. *Actas do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, vol.II. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística. 135-156.
- MACHADO, José Pedro (1952). *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*.(7ªed. 1995). Lisboa: Livros Horizonte.
- MAIA, Clarinda de Azevedo (1986). *História do Galego-português. Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI*. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- MAIA, Clarinda de Azevedo (1995). Sociolinguística histórica e periodização linguística. Algumas reflexões sobre a distinção entre **português arcaico** e **português moderno**. *Diacrítica*, X, 3-30.
- MARIÑO PAZ, Ramon (1998). *Historia da Lingua Galega*. Santiago de Compostela: Sotelo Blanco Editora.
- MARTINS, Ana Maria (1994). *Clíticos na história do português*. Dissertação de doutoramento em Linguística Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- MENÉNDEZ PIDAL (1926). *Orígenes del español (estado linguístico de la Península Ibérica hasta el siglo XI)*. (1950, 3ª ed.). Madrid: Espasa-Calpe.
- NUNES, José Joaquim (1928). *Cantigas d'amigo dos trovadores galego-portugueses. Vol.I*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- OLIVEIRA, Fernão de (1536). *Grammatica da Lingoagem Portuguesa*. Lisboa: Germão Galharde. (ed. fac-similada 1988) Lisboa: Biblioteca Nacional.
- PEREIRA, Gabriel (1885-7). *Documentos Históricos da Cidade de Évora*. Évora: Typographia da Casa Pia (parte I) e Typographia Económica de José d'Oliveira (parte II).
- ROSSI, Nelson (or.), MOTA, Jacira Andrade, MATOS, Rosa Virgínia e SAMPAIO, Vera Lúcia (1965). *Livro das Aves*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro.
- SILVA, Rosa Virgínia Mattos e (1989). *Estruturas Trecentistas. Elementos para uma gramática do Português Arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- TEYSSIER, Paul (1980). *Histoire de la langue portugaise*. Trad. port. de Celso Cunha (1982). *História da língua portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa.
- VASCONCELLOS, José Leite de (1906). O Livro de Esopo. Fabulário português medieval. Publicado conforme a um manuscrito do século XV existente na Bibliotheca Palatina de Vienna de Austria. Separata da *Revista Lusitana*, vol.VIII, 99-151 e IX, 1-109. Lisboa: Imprensa Nacional.
- VERDELHO, Evelina (1994). *Livro das Obras de Garcia de Resende*. Lisboa: Gulbenkian.

NOTAS

¹ Galmés de Fuentes (1962:23-26) afirma que até ao século XVI em todo o território português teria existido um sistema similar ao do actual *transmontano-alto-minhoto*. E mais: a presença das quatro sibilantes no *transmontano-alto-minhoto* permite supôr, diz, a existência desta etapa intermédia no resto do domínio ibero-românico e, mesmo, em toda a România Ocidental.

² Sobre a neutralização da oposição entre africada e fricativa palatais surdas ver Luís Prista 1994, Tentativa de cenário para t̃ > ʃ, in: *Variação linguística no espaço, no tempo e na sociedade*, 183-226. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística / Edições Colibri.

³ Os documentos mais antigos datam de 1268 (Mosteiro de Cete) e de 1260 (Mosteiro de Chelas). Os mais recentes são de 1545 (Mosteiro de Vilarinho) e de 1548 (Mosteiro de Chelas). Os restantes distribuem-se do seguinte modo: século XIII, 29 do Noroeste e 36 de Lisboa; século XIV, 40 do Noroeste e 39 de Lisboa; século XV, 21 do Noroeste e 24 de Lisboa; século XVI, 9 do Noroeste e 8 de Lisboa.

⁴ Uma vez que para a confusão gráfica nos nomes próprios podem contribuir outras variáveis como a tradição, preferi excluí-los da presente observação.

⁵ Em *conpoçisom* ~ *conpozisom* podemos estar perante um mero caso de metátese gráfica. Note-se que Cintra (1963:73) encontra o mesmo exemplo *compozisom* em documento da mesma data (1266) proveniente de Sintra.

⁶ Naturalmente, neste como em muitos outros casos observados, a forma “anómala” *prezença* alterna, no mesmo documento, com a forma *presente*. As grafias aqui apresentadas são, como é óbvio, esporádicas e figuram entre uma maioria de grafias esperadas. A título de exemplo veja-se como em documento do Noroeste de 1288 à forma *iuysses* correspondem 4 ocorrências de *ioyzes* e 5 de *iuyzes*.

⁷ Em documento de Lisboa de 1297 encontramos também a forma *sussessores* e, no século seguinte, *soseçores* (Noroeste, 1365). R.Lorenzo regista a grafia *suseçores* em documento português de Montederramo, de 1342, e interpreta-a como indício de desafricação do primitivo /ts/ e da dificuldade em distinguir o novo som dorsodental do ápicoalveolar (Lorenzo 1997:151). Outras grafias que R. Lorenzo menciona encontram-se também nos documentos aqui observados: *ffaser*, *ffeserom*, *ffesesse* (1325), *dusentas* (1333), *tresentos* (1325).

⁸ Na documentação notarial que é aqui objecto de observação não ocorrem, no século XIV, casos de confusão gráfica entre sibilantes em contexto inicial de palavra. Que a indistinção podia, na época, ocorrer neste contexto, prova-o, por exemplo, a forma *sinquo* das *Actas das Vereações de Loulé*, 1385 (Cardeira e Fernandes 1997:62).

⁹ Embora esta forma seja de leitura duvidosa, se nos lembrarmos que repete uma grafia <ç> em contexto final observada em documento de Lisboa de 1286, *andadoç*, poderemos tomá-la como mais um indício de neutralização.

¹⁰ No documento do Mosteiro de Vilarinho de 1545 verifica-se também alternância entre *serado* e *cerado* ~ *çerado* (“campo cerado”). Esta oscilação não é, no entanto, significativa, uma vez que se regista desde o século XIII (vd. A.G.Cunha 1987, J.P.Machado 1995, s.v. *cerrar*). Nesta forma, a indistinção entre *serrado* e *cerrado* parece ter-se tornado tradição.

¹¹ O contexto frásico em que ocorre esta forma é o seguinte: “...o canpo ...tem em trauez cõtra o ssull quorenta e sete varas...”. No mesmo documento e em contextos semelhantes, a forma esperada *traves* regista 18 ocorrências.

¹² Focos de neutralização terão surgido também na Galiza, criando desde cedo a transição para os sistemas com neutralização da oposição entre dental e apical surdas ou com um maior distanciamento entre os elementos, resultante da evolução da predorsodental para interdental (Mariño Paz 1998:271-2).